



EUA

## A eleição mais importante desde a 2ª Guerra Mundial

É a primeira com uma divisão muito forte na sociedade, opondo os conservadores de Bush e McCain aos que vêem em Obama a chance de mudança. **PÁGINA 4**

Alex Ross

TURBULÊNCIA

# A crise chegou. Qual vai ser seu tamanho?



### Argentina acaba com a previdência privada

A previdência privada, na Argentina, está com os dias contados. A decisão foi tomada pela presidente Cristina Kirchner quando os fundos de pensão acumularam perdas de 20% do patrimônio pela crise financeira. Devido aos prejuízos, os fundos já estavam pagando aposentadorias com valores menores do que haviam contratado. O país tem 445 mil pessoas inscritas na previdência pública e 9,5 milhões na previdência privada, mas somente 3,6 milhões em situação regular. Os sindicatos apóiam.



### Números mostram: Bolsa Família ajuda educação

Nos meses de junho e julho, dos 13 milhões de crianças e adolescentes entre seis e 15 anos registradas no Ministério da Educação e que recebem o Bolsa Família, 98,2% cumpriram a exigência de presença em pelo menos 85% das aulas. Entre 16 e 17 anos, o índice foi de 97,3%. Os altos percentuais indicam que o Bolsa Família está cumprindo um dos seus objetivos: contribuir para aumentar o nível educacional dos filhos dos beneficiários, quebrando o ciclo de pobreza entre as gerações.

### Crise econômica e a chantagem patronal

Os patrões já usam a crise financeira para chantagear os trabalhadores nos acordos salariais. Metalúrgicos, petroleiros, telecomunicações, eletricitários, lojistas e bancários já fecharam acordos com ganhos reais de até 3,95%. Mas categorias como metalúrgicos do grupo 10, papeleiros, têxteis (Blumenau), comerciários, químicos (S. Paulo) e aviários, enfrentam a chantagem patronal. Como os papeleiros de S. Paulo, que exigiram 5% de aumento real, mas receberam apenas 3,5%.

## Trabalhadores não aceitam pagar a conta da crise

Em qualquer crise no mundo capitalista, os trabalhadores e as populações mais pobres são os primeiros afetados. No Brasil, de olho nas possíveis consequências para os setores produtivos e no uso da crise contra os empregados, as seis centrais sindicais (CTB, Força Sindical, CUT, CGTB, Nova Central e a UGT) pediram uma audiência com o presidente Lula e o ministro Guido Mantega, da Fazenda.

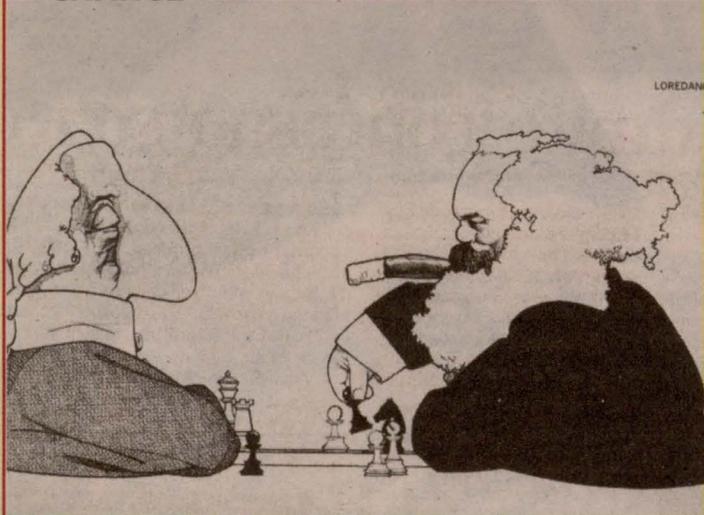
Um dos motivos é o uso da crise pelos patrões para chantagear os trabalhadores nas negociações salariais. As categorias que fecharam seus acordos estão em situação mais tranqüila, mas aquelas que ainda estão pendentes já enfrentam o jogo patronal. Um exemplo são os papeleiros de São Paulo, que exigiram 5% de aumento real, mas poderão ter menos de 0,5%.

É contra isso que as centrais pedem ao governo a

manutenção dos empregos e dos investimentos federais para aquecer a economia e a valorização do trabalho e da renda. Fortalecer o mercado interno, pensam, é o caminho para enfrentar a crise. Nesta mesma pauta cabem ainda outras reivindicações, como a redução das taxas de juros e a manutenção dos programas sociais.

As centrais estão também organizando a 5ª Marcha Nacional a Brasília, marcada para 3 de dezembro, com o tema "Desenvolvimento e valorização do trabalho". Será uma mobilização importante em defesa dos direitos dos trabalhadores e do setor produtivo e contra qualquer benefício para o responsável pelos atuais problemas, ou seja, o sistema financeiro. Os trabalhadores devem participar da manifestação, exigir seus direitos e mostrar sua insatisfação com o jogo no cassino financeiro mundial.

## CHARGE



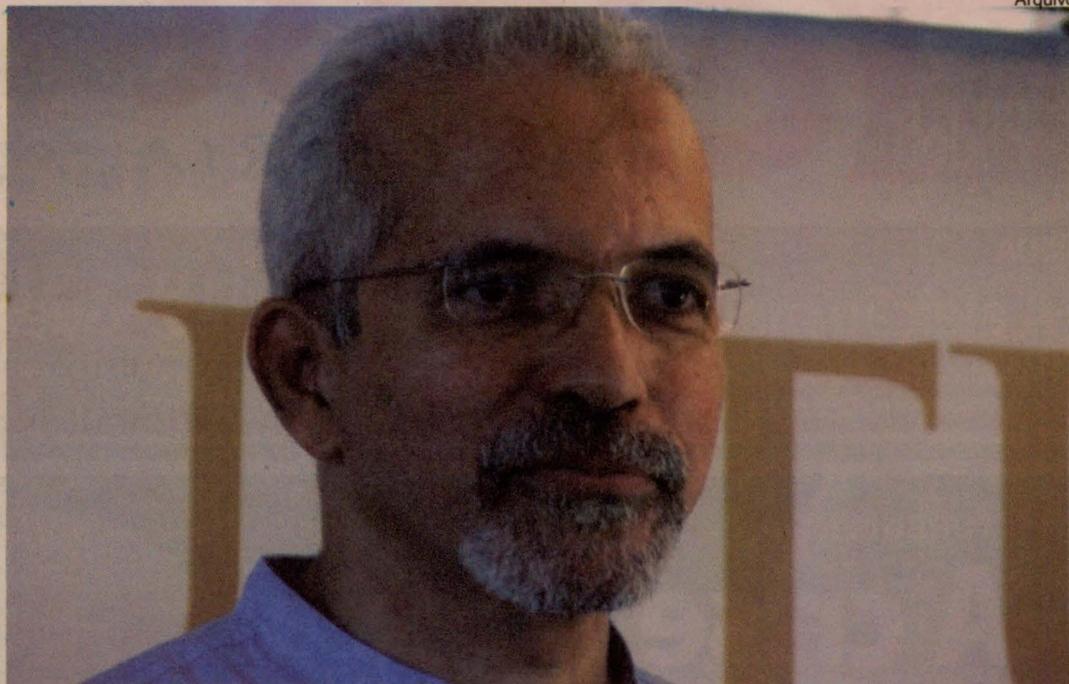
O jogo da crise: os economistas Adam Smith (esq.), defensor do mercado, contra Karl Marx (dir), defensor do Estado

## EM OUTUBRO...

... O coronel Brilhante Ustra, da reserva do Exército, foi o primeiro oficial reconhecido pela Justiça como torturador. A ação declaratória, pela qual foi condenado, reconhece que ele praticou violências contra presos políticos quando comandou o DOI-Codi, em São Paulo, sob a ditadura de 1964.

## EXPEDIENTE

Proletários de todos os países, uni-vos! **Classe Operária**, jornal do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). **Secretário Nacional de Comunicação:** Altamiro Borges **Editor:** José Carlos Ruy **Jornalista Responsável:** Pedro de Oliveira **Diretor (in Memoriam):** João Amazonas. **Redatoras:** Priscila Lobregatte e Renata Mielli **Administração:** Francyroze Andrade **Diagramação:** Andocides Bezerra. **Contato:** Rua Rego Freitas, 192 - República - São Paulo - SP - CEP: 01220-907 **Tel.:** (11) 3054-1800 **E-mail:** classe@pcdob.org.br **www.vermelho.org.br/classe**



EDVALDO, reeleito prefeito de Aracaju com 51% dos votos: exemplo de boa gestão

## PCdoB tem maior crescimento eleitoral

Partido mostrou que sabe fazer e tem reconhecimento país afora

Outubro acabou e com ele o processo eleitoral de 2008, momento extremamente importante para o futuro das cidades e do país. Neste ano se desenhou o que poderá acontecer em 2010, quando os brasileiros escolherão o presidente da República, governadores e senadores. O que se vê hoje é que a disputa será bastante acirrada e as forças populares e de esquerda precisarão se fortalecer e se unir a fim de manter o Brasil no rumo das mudanças e do desenvolvimento.

Neste sentido, os resultados do PCdoB são relevantes. Embora ainda pequeno, o partido – um dos mais firmes aliados de Lula desde 1989 – foi o que mais cresceu de 2004 para 2008. Elegeu 40 prefeitos neste ano, aumento de 300% em relação a 2004, o maior crescimento entre todos os partidos. Fez, ainda, 604 vereadores, um aumento de 121%, figurando novamente como o que mais cresceu.

Levando em conta os votos válidos dados aos candidatos a vereador, o PCdoB também

**PCdoB aumentou em 300% o número de prefeitos eleitos e em 121% o de vereadores**

teve recorde de crescimento, com 70% acima do resultado da eleição de 2004. E em 2008, considerando também os votos válidos, mais de 1,7 milhão de brasileiros confiaram seu voto nos candidatos comunistas à prefeitura. E mais de 2,1 milhões de eleitores apostaram naqueles que disputavam cadeiras nas câmaras municipais pelo PCdoB.

Esses resultados, considerados muito positivos pela direção do partido, refletem ao menos dois fatos. O primeiro deles é que o PCdoB mostrou que sabe governar e sabe trabalhar no legislativo, conquistando assim a confiança dos brasileiros. Os carros-chefe das administrações comunistas são Aracaju – cidade com mais de 520 mil habitantes –, onde o partido reelegeu o prefeito Edvaldo Nogueira; e Olinda, segunda cidade mais importante de Pernambuco, com mais de

391 mil cidadãos. Lá, o PCdoB elegeu Renildo Calheiros para prosseguir a gestão iniciada pela prefeita Luciana Santos na eleição de 2002.

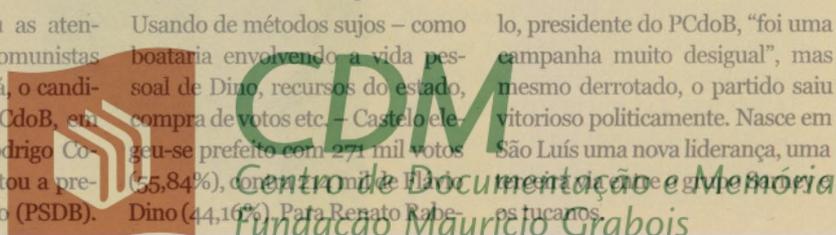
O segundo fato é que juntamente com outros partidos – como PT, PSB e PDT – o PCdoB dá sua contribuição para fortalecer a base de sustentação do governo Lula. Juntos, estes foram os partidos que mais cresceram. Por outro lado, partidos como PSDB, DEM e PPS, embora tenham tido vitórias importantes (como na cidade de São Paulo), foram os que mais encolheram. Estes são resultados que já estão contando no tabuleiro das próximas eleições e que ajudarão a definir se o país continuará no rumo das mudanças sociais, iniciadas com o governo Lula, ou se retornará ao atraso garantido numa gestão da direita encabeçada por PSDB e DEM. ●

## Flávio Dino, uma nova liderança do Maranhão

São Luís concentrou as atenções de todos os comunistas neste segundo turno. Lá, o candidato Flávio Dino, do PCdoB, em parceria com o vice Rodrigo Comerciário, do PT, disputou a prefeitura com João Castelo (PSDB).

Usando de métodos sujos – como boataria envolvendo a vida pessoal de Dino, recursos do estado, compra de votos etc. – Castelo elegeu-se prefeito com 271 mil votos (55,84%), derrotando Flávio Dino (44,16%). Para Renato Rabe-

lo, presidente do PCdoB, "foi uma campanha muito desigual", mas mesmo derrotado, o partido saiu vitorioso politicamente. Nasce em São Luís uma nova liderança, uma



**O peso da crise (I)**

O peso da crise para os trabalhadores poderá ser muito alto. A Organização Internacional do Trabalho prevê que haverá mais 20 milhões de desempregados no mundo até o final de 2009.

**O peso da crise (II)**

Segundo a OIT, o número de desempregados, pela primeira vez na história, vai chegar a 210 milhões.

**O peso da crise (III)**

O número de pessoas que ganha até dois dólares por dia (cerca de quatro reais) vai pular de 1,26 bilhão para 1,4 bilhão até o final de 2009. Isto é, 140 milhões de pessoas vão ser jogadas na miséria.

**Nos EUA, os despejos aumentam**

Entre julho e setembro deste ano, nos EUA, mais de 765 mil casas foram tomadas pelos bancos; é um aumento de 71% em relação ao mesmo período em 2007. São famílias vítimas da ganância dos banqueiros, e que não conseguiram pagar as prestações.

**Demissões nos EUA (I)**

A Chrysler anunciou, no fim de outubro, que vai demitir um quarto de seus funcionários administrativos; são cinco mil trabalhadores. A montadora já havia anunciado a demissão de 1.825 trabalhadores de duas linhas de montagem.

**Demissões nos EUA (II)**

Em todo o país, de janeiro a setembro, são 1,51 milhão de novos desempregados. Detroit, a capital dos automóveis nos EUA, tem a maior taxa de desemprego do país: 8,7%.

**Novas ameaças**

A Chrysler, a GM e o fundo de investimentos Cerberus, estão negociando a fusão das duas montadoras nos EUA. Se isso ocorrer, a previsão é que ocorram milhares de novas demissões nas duas montadoras. O nome do fundo de investimento é apropriado: na mitologia, Cérbero é o nome do cachorro que toma conta da entrada do inferno.



*"O que parecia ser um edifício sólido quebrou. Eu errei".*  
**Alan Greenspan, ex-presidente do FED (BC dos EUA), de 1987 a 2006, defensor da liberdade de mercado.**

**Reflexos**

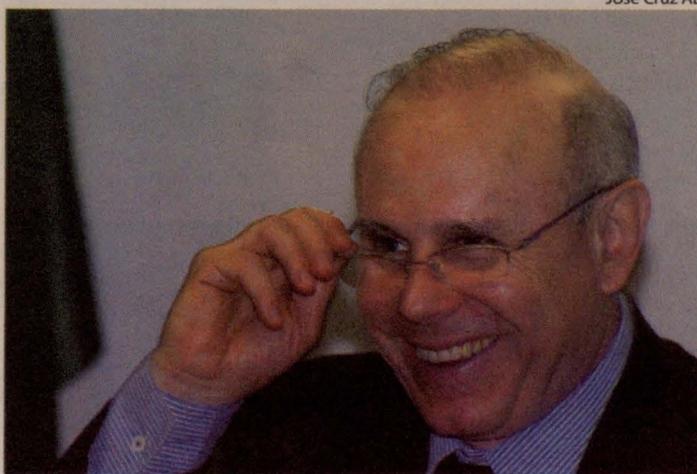
# A crise chegou. Qual seu tamanho?

Os sinais da turbulência se multiplicam. E o governo quer fortalecer o mercado interno e os investimentos para enfrentá-la

A chegada da crise financeira no Brasil causa forte debate entre governo e oposição. O governo quer evitar que ela seja profunda ou demorada. A oposição neoliberal parece apostar no "quanto pior melhor" para melhorar seu café para sucessão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A chegada da crise era esperada, mas não se sabe quais serão suas conseqüências.

Ainda não há quebra de empresas ou bancos. A taxa de desemprego em setembro foi de 7,65%, uma das menores dos últimos anos. Mas muitas empresas adotaram medidas preventivas, como mostra um estudo da Confederação Nacional da Indústria, com 27 setores da economia, divulgado em outubro. Algumas conclusões são preocupantes. Por exemplo, 13 setores têm estoques acima do planejado, um sinal de dificuldades nas vendas e, assim, de crise. Mas outros 11 setores estão em situação melhor, com estoques pequenos.

Aumentou o número de empresas com falta de dinheiro e problemas com juros altos. Isto significa que o crédito bancário não está chegando até elas, podendo afetar a produção e levar à demissão de trabalhadores.



MANTEGA enviou ao Congresso proposta de Medida Provisória contra a crise

## Lula defende o fortalecimento do mercado interno e obras de infra-estrutura

Mas, até agora, dos 27 setores, só dois (madeiras e couros) tiveram queda na produção.

Outro sinal da crise são as férias antecipadas. Com vendas em queda, as empresas produzem menos e dão férias para os funcionários. Em outubro, um setor atingido por esta situação foi o metalúrgico. A General Motors deu férias em três unidades, em São Paulo. Em Manaus (AM), várias fábricas fizeram o mesmo, como a Honda. Aliás, em Manaus o número de demissões vem

crescendo. Em 2007 ocorreram 13 mil demissões (média de 1.083 por mês). Este ano, até setembro, já são 12 mil (média de 1.330 por mês). Finalmente, na Volkswagen de São José do Pinhal (PR) também houve férias antecipadas.

Na área financeira, os sinais da crise são mais nítidos. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) registra perdas há cinco meses seguidos; desde maio, já perdeu 49,3%. E, no início de novembro, os bancos Itaú e Unibanco anunciaram sua fu-

são, sinalizando a união de forças para enfrentar a crise.

O fato é que a crise chegou, e o governo anunciou medidas contra ela: o ministro da Fazenda Guido Mantega enviou ao Congresso uma MP que autoriza os bancos oficiais a comprarem bancos e empresas em dificuldades. Depois, liberou até 50 bilhões de dólares para evitar a desvalorização do real. O BNDES anunciou medidas para apoiar as exportações. E o Banco Central deixou mais dinheiro com os bancos, para evitar problemas de crédito, e decidiu parar de subir as taxas de juros.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva manifesta a disposição de enfrentar a crise aumentando a produção, e não diminuindo – como recomenda o receituário neoliberal. Lula defende o fortalecimento do mercado interno, obras de infra-estrutura e o aumento do comércio com países como China, Índia, África do Sul, México, Oriente Médio, além dos parceiros do Mercosul. No começo de novembro Lula garantiu que é "uma questão de honra" para seu governo manter todas as obras do PAC. ●

### Os otimistas

Há uma ala de economistas e autoridades otimistas com a capacidade de o Brasil enfrentar a crise. Uma é a ministra da Casa Civil Dilma Rousseff. Ela lembrou que pela primeira vez, o Brasil não quebra em uma crise: "o governo não está quebrado, nós temos reservas, não recorremos ao FMI, não temos que aceitar nenhum receituário recessivo para enfrentar a crise".

Marcio Pochmann, presidente do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA) por sua vez, acredita que o Brasil pode crescer entre 2,8% e 3% em 2009, e até chegar a 4%, "se não houver recessão mundial". Luciano Cou-



tinho, presidente do BNDES, tem a mesma opinião: "vamos crescer 5,5% este ano, e entre 3,5% e 4% em 2009". Já a respeitadíssima economista **Maria Conceição Tavares** (foto) é prudente. Para ela, o Brasil pode estar blindado contra a recessão até 2009; pode diminuir uns dois pontos (ficando, assim, por volta de 3%). Mas, adiante de 2009, disse, "não sei enxergar mais nada", disse.

### Torcendo pelo pior

Outra ala de políticos e economistas, porém, parece torcer pelo pior. Um deles é o ex-governador paulista Cláudio Lembo (DEM) que vê na crise uma chance para a volta da direita ao governo. "A crise vai conduzir o Serra a ser candidato à presidência" e "pautar a sucessão de Lula. Esta crise terá longa duração", disse ele, sem disfarçar a torcida de que a convulsão financeira pode pavimentar um caminho para a volta da dupla PSDB/DEM ao Palácio do Planalto. FHC (foto), num artigo publicado no início de novembro, foi na mesma linha: "Dizer que



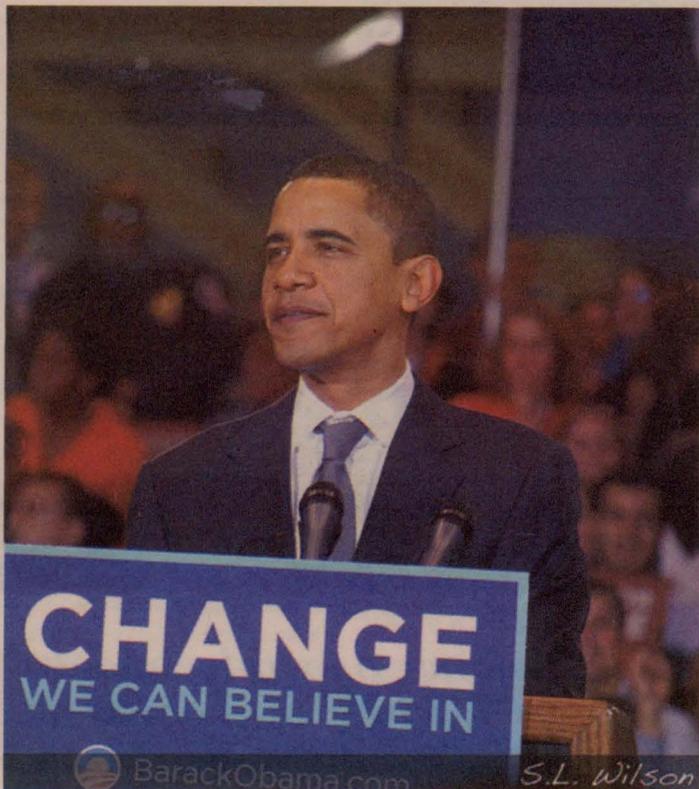
essa crise não afetará nossa economia é brincar com fogo", garantiu. "Haverá, sim, retração, pela diminuição do crédito e pelo encolhimento do mercado internacional e, em menor proporção, do mercado interno", enfatizou, torcendo pela queda no crescimento da economia que, disse, "será significativamente menor em 2010".

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

# A eleição mais importante desde a Segunda Guerra Mundial

Barack Obama fala em mudança, contra John McCain, que representa a continuidade

Renato Rabelo, presidente nacional do PCdoB, considera a eleição de 4 de novembro, nos EUA, como "a mais importante desde a Segunda Guerra Mundial", por ocorrer na maior crise econômica desde 1929, e pelo significado da provável eleição de Barack Obama (foto). Renato falou ao portal Vermelho ([www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br)) uma semana antes da votação; a Classe Operária reproduz, aqui, os principais trechos da entrevista.



**A realidade que os EUA vivem** - O surgimento do Barack Obama na disputa presidencial dos EUA, neste ano, demonstra uma realidade política e social que os Estados Unidos vivem. Não é por acaso esse ascenso da figura de Obama. Não podemos explicar isso simplesmente pelo carisma. Isso decorre da situação objetiva dos EUA. Mostra que existe ali um anseio muito grande de mudança. Que, aliás, é a palavra de ordem de Obama: "Mudança, acredite nisso!". Você veja que isso foi ao encontro de um sentimento profundo. Um sentimento que reclama mudanças na sociedade americana e defende que o status quo deve ser removido.

**Relação com a juventude e os operários** - A base, o catalizador desse processo foi a juventude. Quem me disse foi o Mangabeira Unger (ministro extraordinário de Assuntos Estratégicos), que aliás conhece bem os EUA. Ele acha que na Europa isso hoje está adormecido, os jovens ficam naquelas conversas nos cafés, diletando, enquanto nos EUA existe um espírito crítico forte, exigindo transformações. O fato é que a campanha eleitoral vai mostrando uma divisão profunda na sociedade dos EUA: é um

segurando a bandeira do status quo e o outro com o anseio da mudança, mudança que não se sabe bem ainda qual é. Obama simboliza uma série de anseios progressistas, avançados. Vi líderes operários americanos, negros e também brancos, dizendo que ele significa um avanço para o movimento dos trabalhadores. Ele congrega tudo isso.

**Obama é do sistema** - O desenvolvimento da campanha acontece num país que é o centro do sistema capitalista mundial, com uma oligarquia fortíssima. Como ela aceitaria um candidato expressando um sentimento de mudança tão grande? Eles tinham que se contrapor. O candidato me parece que levou em conta essa realidade, de um sistema, do qual ele faz parte. Ele procurou adaptar o discurso, equilibrar o discurso com a existência desse sistema e dessa correlação de forças. Barack Obama ainda é parte de um sistema. Não tenhamos a ilusão de que ele não representa o sistema.

**Política externa** - Vamos pegar um ponto nodal como é o de Cuba. Ele é um pouco mais flexível, mas não há uma grande diferença, mesmo em relação ao bloqueio. O outro (John McCain) não, é impositivo, arrogante. Mas no conteúdo não há uma grande diferença. O mesmo se pode dizer em relação ao Oriente Médio. E à América Latina. Não há diferenças de fundo. Obama também tem que mostrar que não transige com o terrorismo.

**A crise econômica** - Agora, ultimamente, surge um fato novo, que acho que vai se juntar a essa tendência mudancista, a essa sensação de que há algo de podre na sociedade norte-americana: é o espocar da crise. A fase aguda da crise só vai surgir agora, mostrando as suas dimensões, os seus contornos: uma crise profunda, com problemas maiores que os de 1929; uma crise financeira, como eles gostam de dizer, mas também do sistema, como eles próprios reconhecem porque não têm

## A palavra de ordem "Mudança, acredite nisso!" vai ao encontro de um sentimento profundo nos EUA

como encobrir. É por isso que o presidente francês, Nicolas Sarkozy, propõe agora uma 'refundação' do capitalismo.

Isso deu mais força ainda à campanha do Obama, que já catalizava o anseio por mudança. Por isso ele tem hoje mais condições de vencer.

A própria proposta dele para enfrentar a crise tem mais credibilidade que a do outro. Sei que ela está mais voltada aos problemas concretos dos trabalhadores, dos pobres. O programa proposto por Obama tem mais sensibilidade para os problemas da maioria do povo. Ele se opõe a resolver o problema dos bancos sem resolver o dos ci-

dadãos inadimplentes, e isso é algo que parece ter encontrado audiência.

**A força do conservadorismo** - Agora, você vê também o papel e a força do conservadorismo nos EUA. Há uma contenção muito grande, Obama não está na crista da onda. Vai haver um índice muito grande de comparecimento e uma baixa abstenção, inclusive porque o outro lado quer conter Obama e vai votar. Por isso o resultado da eleição é imprevisível. Para mim, é a eleição mais importante nos EUA desde a 2ª Guerra Mundial. E é a primeira com uma polarização tão forte da sociedade. ●

## The New York Times: Barack Obama para presidente



Bush, liderança capenga

Com este título o diário *The New York Times*, principal jornal dos EUA, publicou um editorial, no dia 24 de outubro, declarando apoio a Obama. Os trechos abaixo foram retirados dele.

"O exagero é a moeda de campanhas presidenciais, mas neste ano o futuro do país é realmente incerto. Os EUA estão exauridos e à deriva

após oito anos de uma liderança capenga do presidente George W. Bush. Ele vai transmitir a seu sucessor duas guerras, uma imagem global manchada e um governo desprovido de sua capacidade de proteger e ajudar seus cidadãos – estejam eles fugindo de enchentes, procurando assistência à saúde ou batalhando para manter suas casas, empregos e pensões em meio a uma crise financeira anunciada e evitável". (...)

"Obama é claro em que a estrutura fiscal precisa ser modificada para se tornar mais justa. Isso significa que os ricos – beneficiados desproporcionalmente pelos cortes de impostos de Bush – terão de pagar mais. Os americanos trabalhadores, que viram seu padrão de vida cair, se beneficiarão".



Saiba mais sobre o PCdoB  
acessando [www.pcdob.org.br](http://www.pcdob.org.br)



CDM  
Acesse também o portal da esquerda  
Centro de Documentação e Memória  
bem informada [www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br)  
Fundação Mauricio Grabois